


“LEITO DE FOLHAS VERDES” E “CAFÉ DA MANHÃ”: A RETÓRICA DA ESPERA

João Adalberto Campato Junior*

 <https://orcid.org/0000-0002-9026-5007>

Ricardo Magalhães Bulhões**

 <https://orcid.org/0000-0001-7487-1480>

Como citar este artigo: CAMPATO JUNIOR, J. A.; BULHÕES, R. M. “Leito de folhas verdes” e “Café da manhã”: a retórica da espera. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 1-11, set./dez. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETLT2012289

Submissão: março de 2019. **Aceite:** julho de 2020.

Resumo: Este artigo, de delineamento bibliográfico, pretende ressaltar a importância da retórica para a construção dos sentidos de “Leito de folhas verdes” (1851), poema do romântico Gonçalves Dias, e “Café da manhã” (1978), canção de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Dentre os sentidos produzidos e que serão avaliados, destacar-se-ão o da espera amorosa, que é vivenciada de maneira diferente em cada caso, e, igualmente, o da visão romântica da realidade. Os textos mencionados serão analisados pela teoria retórica, para a qual a persuasão constitui o elemento mais relevante.

Palavras-chave: Romantismo. Gonçalves Dias. Roberto Carlos. Crítica Retórica. Música Popular Brasileira.

* Universidade Brasil (UB), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: campatojr@gmail.com

** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande/Três Lagoas, MS, Brasil. E-mail: ricardoufms1@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

■ **A** crítica retórica visa abordar textos das mais variadas modalidades de signos, revelando-lhes o quanto, como e por que são expressivamente persuasivos. Das tarefas mencionadas, a terceira afigura-se a de maior destaque, equivalendo a questionar como a persuasão atua na produção de efeitos de sentidos nos textos. Dito de outra forma, o método retórico não se limita a apenas identificar e elencar as estratégias argumentativas de determinada composição. Mais do que isso, torna-se fundamental mostrar como elas se articulam sistematicamente, colaborando para a tessitura final do texto e para a construção dos significados.

Trazer à tona a importância constitutiva da retórica em dois textos verbais é o objetivo precípuo deste artigo. São duas produções artísticas cujo tema central é o amor, modulado de formas diferentes. O primeiro é “Leito de folhas verdes”, canônico poema do escritor da geração inicial do romantismo brasileiro, o maranhense Gonçalves Dias, publicado em 1851, no volume *Últimos cantos*. O segundo é a letra da famosa canção romântica “Café da manhã”, de autoria dos cantores populares Roberto Carlos e Erasmo Carlos, e vinda a público no LP *Roberto Carlos*, em 1978. Saliente-se que, no caso da composição de Roberto e Erasmo Carlos, a dimensão musical da comunicação não será por nós levada em conta para efeito de análise.

A consideração e a leitura de letras de músicas como textos literários constituem prática cada vez mais recorrente, conquanto esse exercício tenha de ser realizado com um quê de reserva, pois as letras devem ser desvinculadas da música que as acompanha. Se não for assim, a aproximação será mais complexa (mas possível e rica também), já que se examinarão dois sistemas semióticos particulares. Como quer que seja, já está disponível considerável número de livros nos quais são apresentadas as letras de vários cantores brasileiros – sobretudo os da chamada música popular brasileira (MPB) – como se fossem uma lista de poemas. Nesse terreno, é de esperar que o preconceito não se arraigue e que não apenas os músicos eleitos por determinadas classes sociais tenham as letras tratadas em livros.

Isso observado, o artigo seguirá o seguinte trajeto: 1. apresentação sumária dos principais componentes da técnica retórica, sempre sinalizando para o método retórico de análise; 2. análise retórica dos textos de Gonçalves Dias e Roberto e Erasmo Carlos; 3. apresentação das conclusões do artigo.

A RETÓRICA

Como conjunto sistemático de estratégias de persuasão, pela retórica, o orador direciona alguém a aceitar uma tese referente à questão controversa ou dialética, que suscita opiniões, e não certezas. A persuasão abrange três procedimentos básicos: convencer, comover e agradar. Convencer está relacionado à persuasão lógica; comover é persuasão de ordem afetiva, em que se procura atuar no “coração” dos indivíduos; já agradar diz respeito à persuasão de natureza estética.

Quando se busca persuadir, trabalha-se com outros elementos da técnica retórica: o orador, a questão, os estados da questão, a proposição, o auditório e os gêneros do discurso. O orador é quem persuade o auditório, receptor ao qual

a mensagem foi endereçada, de que sua opinião é a mais verossímil. A questão é o objeto da discussão.

O estado da questão é o centro litigioso da causa. Examina-se se o ponto em julgamento advém da conjectura (se as questões debatidas existiram ou não), da definição (se as questões existiram, como devem, então, ser denominadas) ou da qualificação (discutem-se as circunstâncias das questões). O trecho por meio do qual o orador informa ao auditório sua opinião sobre a questão é chamado de proposição ou tese. O auditório é o partido a ser persuadido.

Os gêneros do discurso persuasivo são três: o deliberativo, o epidítico e o judiciário. Tal distinção ancora-se no auditório e no tempo acerca do qual ele se pronuncia, assim como na finalidade de cada discurso. Dependendo de sua manifestação depois de ouvido o discurso, o auditório transforma-se em árbitro da situação ou em espectador. No primeiro caso, tem postura ativa, pronunciando-se a respeito do que escutou, julgando e sentenciando (gênero judiciário). Já no segundo, somente tem de se manifestar sobre a eloquência do orador, apreciando ou não o discurso (gênero epidítico).

Com referência ao tempo, se o árbitro se pronunciar acerca de fato passado, ele é o juiz propriamente dito; se decidir sobre matéria relacionada ao futuro, é membro da assembleia. O espectador pronuncia-se sobre fato presente, louvando ou censurando-o. No que diz respeito à finalidade, o deliberativo aconselha ou desaconselha; o epidítico louva ou censura; o judiciário acusa ou defende.

No gênero deliberativo, o orador, em presença de assembleia, tem o fito de aconselhar ou desaconselhar ação futura, de acordo com o útil e o nocivo para a coletividade. O auditório deve votar a favor dessa ação ou contra ela. Os efeitos criados na plateia são a esperança e o medo. No gênero epidítico, cuja função é louvar ou censurar alguém ou alguma coisa, orientado no belo e no feio, na virtude e no vício, o espectador se manifesta se o discurso agradou ou desagradou, não precisando tomar decisão a propósito do assunto. Os efeitos almejados no auditório são a admiração ou o desprezo. A finalidade do gênero judiciário é a acusação ou a defesa, que devem se reportar ao passado. Tem como objeto fundamental o justo e o injusto, sendo o auditório formado pelo juiz propriamente dito, que condena ou absolve. Os efeitos que procura alcançar na plateia são a indignação ou a piedade.

Isso considerado, estudam-se as partes componentes da arte retórica.

A invenção constitui a primeira fase da elaboração do discurso argumentativo. Lausberg (1966, p. 91) define-a como

o acto de encontrar pensamentos (res) adequados à matéria, conforme o interesse do partido representado, pensamentos que servem como instrumentos intelectuais e afetivos para obter, pela persuasão do juiz, a vitória do partido representado.

Nessa etapa de elaboração, há uma disciplina de destaque: a tópica, por meio da qual o orador encontra os lugares de onde as provas são extraídas. Em definição didática, Dante Tringali (1988, p. 64) concebe os lugares deste ângulo: "certas noções gerais ou conceitos, expressos por uma ou poucas palavras, de onde se tiram os argumentos".

As provas retóricas dividem-se em extrínsecas e intrínsecas. As primeiras não fazem parte da técnica retórica, são provas preexistentes, tais como os testemunhos, as confissões, os objetos incriminadores, as leis, as citações de autores

consagrados etc. Necessitam elas somente da manipulação adequada do orador. As segundas estão atreladas à técnica retórica, classificando-se como lógicas ou psicológicas. Se lógicas, repartem-se em silogismos e em exemplos; se psicológicas, em éticas e em patéticas.

Os argumentos éticos assentam-se na impressão favorável que o orador transmite de si ao auditório. Pelas provas éticas, os oradores fazem-se recomendáveis e dignos de serem escutados. Por conta disso, buscam apresentar-se como pessoas boas, dotadas de sentimentos humanitários, agradáveis, prudentes, virtuosas, nobres, sábias, fortes e sinceras.

O escopo dos argumentos patéticos consiste em atingir a persuasão pela paixão. Como bem anota Aristóteles (1964, p. 100), as paixões “são as causas que introduzem mudanças em nossos juízos”, que mudam se experimentamos algo agudo, como a alegria ou o ódio. As paixões, por fim, levam o auditório, pela emoção, a esposar a proposição do orador.

A disposição, segunda etapa da elaboração de um discurso retórico, pode ser encarada como ordenação das grandes partes do discurso. Com efeito, é de rotina dividir o discurso retórico em exórdio, proposição, partição, narração, argumentação e peroração. O exórdio é o começo do discurso, tendo a serventia de indicar o assunto a ser tratado pelo orador e de estabelecer condições prévias essenciais para o sucesso da argumentação. A proposição sinaliza a opinião do orador com respeito à questão do debate. Se o conteúdo da proposição vier por partes, então, configura-se a partição. Após a partição, surge a narração, que é a exposição dos fatos e do desenvolvimento do conteúdo sintetizado na proposição. A parte nuclear do discurso é a argumentação, seção em que o orador concentra suas provas e rebate as provas do partido adversário. A conclusão denomina-se peroração, tendo a função precípua de recapitular o que atrás se disse e a de excitar o *pathos*.

A elocução, terceiro momento da preparação do discurso retórico, veste com linguagem as ideias encontradas na invenção e ordenadas pela disposição. O próximo passo objetivando a elaboração do discurso é a memória, que consiste no exercício de decorar o texto a ser exposto. A derradeira etapa de formulação do discurso constitui-se da ação, momento em que o texto é pronunciado. Esses dois últimos momentos não terão validade para esta análise.

A RETÓRICA DA ESPERA EM “LEITO DE FOLHAS VERDES” E “CAFÉ DA MANHÃ”

Chegados a esta altura, são necessários esclarecimentos sobre a noção de romantismo. O romantismo constitui manifestação *stricto sensu* quando considerado como uma corrente estética e ideológica desenvolvida nos limites de determinada época e em resposta a específicas demandas ideológicas, econômicas e sociais. Trata-se de estilo de época anticlássico, que surge como expressão da burguesia europeia. Seus valores mais relevantes são o individualismo, o apreço pelo particular, a rebeldia, o titanismo, a liberdade, a valorização do gênio, o amor e a ânsia do infinito. Já como manifestação *lato sensu*, o romantismo pode aparecer em qualquer momento histórico, sempre que se colocam em evidência a liberdade, a subjetividade do artista e a rebeldia contra as regras e os limites.

Com base nisso, ao mencionar o romantismo de “Leito de folhas verdes”, faremos alusão ao romantismo *stricto sensu*, surgido na metade do século XIX, no

período historicamente reconhecido como romantismo brasileiro, que se estende de 1836 a 1881 e que aparece na história literária em seguida ao arcadismo e imediatamente antes do realismo. Por outro lado, é ao romantismo *lato sensu* que nos referiremos quando estivermos tratando da canção "Café da manhã".

Em primeiro lugar, vejamos o poema "Leito de folhas verdes", publicado em 1851, na coletânea *Últimos cantos*.

***Leito de folhas verdes* – Gonçalves Dias**

*Por que tardas, Jatir, que tanto a custo
À voz do meu amor moves teus passos?
Da noite a viração, movendo as folhas,
Já nos cimos do bosque rumoreja.*

*Eu sob a copa da mangueira altiva
Nosso leito gentil cobri zelosa
Com mimoso tapiz de folhas brandas,
Onde o frouxo luar brinca entre flores.*

*Do tamarindo a flor abriu-se, há pouco,
Já solta o bogari mais doce aroma!
Como prece de amor, como estas preces,
No silêncio da noite o bosque exala.*

*Brilha a lua no céu, brilham estrelas,
Correm perfumes no correr da brisa,
A cujo influxo mágico respira-se
Um quebranto de amor, melhor que a vida!*

*A flor que desabrocha ao romper d'alva
Um só giro do sol, não mais, vegeta:
Eu sou aquela flor que espero ainda
Doce raio do sol que me dê vida.*

*Sejam vales ou montes, lago ou terra,
Onde quer que tu vás, ou dia ou noite,
Vai seguindo após ti meu pensamento;
Outro amor nunca tive: és meu, sou tua!
Meus olhos outros olhos nunca viram,
Não sentiram meus lábios outros lábios,
Nem outras mãos, Jatir, que não as tuas
A arazóia na cinta me apertaram.*

*Do tamarindo a flor jaz entreaberta,
Já solta o bogari mais doce aroma
Também meu coração, como estas flores,
Melhor perfume ao pé da noite exala!*

*Não me escutas, Jatir! nem tardo acodes
À voz do meu amor, que em vão te chama!
Tupã! lá rompe o sol! do leito inútil
A brisa da manhã sacuda as folhas!*

O poema desenha uma cena típica da tradição lírica ocidental. Trata-se da espera sentimental e afetiva, conforme notado por Candido (2009), para quem a

composição tem valor de obra-prima da literatura brasileira. O que chama a atenção é o pitoresco de que se reveste a situação, com uma índia protagonizando uma ação quase trovadoresca em um espaço marcado pela exuberante cor local, na mistura bem brasileira de cultura indígena e floresta dos trópicos.

Pode-se afirmar que a oradora é a índia, que, profundamente angustiada, clama pela presença do amado Jatir, o qual faz as vezes do auditório. Há uma questão pairando sobranceira nas cogitações da oradora e que dá origem ao discurso retórico: “Por que tardas, Jatir, que tanto a custo/ À voz do meu amor moves teus passos?”. Dessa ótica, a discussão não se concentra nem no estado de conjectura, nem no estado de definição. Não se contesta a existência do atraso do amado; tampouco se quer dar a isso outra denominação. O debate se fixa, de preferência, no estado de qualificação, haja vista que a oradora busca saber quais circunstâncias poderiam explicar tal evento.

A tese ou proposição da oradora encontra-se difusa por toda a extensão do poema, podendo ser delineada da seguinte maneira: “Jatir, venha a meu encontro, pois eu o amo além da medida”. Ou seja, diante da questão da dúvida do atraso, a oradora compartilha o sentimento de que há algo por fazer e que é válido tentar.

Em termos de gênero retórico, o discurso da oradora é predominantemente epidítico, pois ela tenta, em valores calcados no tempo presente, persuadir o amado, valendo-se, para tanto, da apresentação de qualidades tanto dela quanto dele. Pormenor digno de referência é o fato de a índia não demonstrar saber por quais razões Jatir não teria acedido a seu convite. No limite, tal enigma concorre para a beleza e o fascínio emanados da composição.

No plano da argumentação, a oradora emprega elementos da natureza com vistas a figurar a passagem inexorável do tempo, que flui da noite e da madrugada dramaticamente em direção à manhã. Essa constante referência à natureza tropical americana, igualmente, aponta para uma retórica romântica, com espaço, inclusive, para um elenco de nomes de plantas tropicais e objetos da cultura indígena, tecendo a cor local.

O local do amor constitui um dos aspectos convocados para persuadir Jatir a se dirigir ao espaço da paixão. Em tempos de literatura romântica e nacional, o leito do amor – a copa de uma mangueira – apresenta significado extremamente nacionalista, particular, manifestação da cor local americana, que, naquele período, passava por exótico até para os brasileiros. Outros argumentos – veiculados na forma de entimema – com os quais a oradora busca o convencimento do amado são os apresentados a seguir:

1. O preparo zeloso do leito de amor, que, ao receber os ventos da noite, está ideal para a experiência amorosa.
2. A natureza toda se irmana em situação altamente receptiva ao amor: os perfumes das flores, o brilho das estrelas e da lua, a brisa amena.
3. A persistência do desejo por Jatir, que não esmorece mesmo com a ausência do amado.
4. A virgindade da oradora.
5. Com o avançar da noite, o amor da oradora se aperfeiçoa.

As provas acima – predominantemente patéticas, uma vez que endereçadas à emoção, ao coração do auditório – foram em vão arroladas pela oradora, que

já se dá por vencida com a não vinda de Jatir, o que equivale a dizer, com o não convencimento do auditório. Se o tempo da noite guardou em si a esperança da consecução da vivência amorosa, a manhã, surgindo com o alvorecer, instala a temporalidade não propícia para o amor.

É de ressaltar que teria havido um acordo prévio entre a oradora e Jatir por meio do qual se daria um encontro entre os dois índios. Se não fosse assim, a oradora não teria se lançado no preparo tão cuidadoso e minucioso do leito, tampouco teria lamentado a ausência do amado nos termos em que o fez. A quebra do acordo levou a oradora a fazer uso do discurso com o propósito de convencer o amado a comparecer ao encontro.

Conforme já se fez sentir de algum modo, a elocução do discurso da oradora, para além de ser compatível com o seu auditório, vem coalhada de vocábulos que sinalizam para a cor local americana, em especial a brasileira: bogari, tamarindo, arazoia (tanga de penas) etc., distinguindo e ressaltando o que era particularmente nosso.

Pelo que ficou exposto, não se torna difícil entender por que é cabível caracterizar a retórica da oradora sob o rótulo de retórica da espera, na qual a vivência amorosa não passou de projeto inconcluso, porquanto os amantes restam fisicamente separados. Tal incompletude contrasta com algumas coisas que, estas sim, se modificaram ao longo do correr do tempo, como a intensidade dos perfumes exalados pelas flores, e mesmo pela substituição da lua pelo sol nascente. A oradora resta, ainda, virgem, embora modificada para mais triste nos sentimentos mais internos.

Essas últimas observações possibilitam-nos mencionar um aspecto interessante da elaboração temporal em "Leito de folhas verdes". Em primeiro lugar, trata-se de uma composição predominantemente da modalidade lírica, mas que compartilha traços da modalidade épica ou narrativa. Essa narratividade concentra-se na presença da categoria do tempo, espinha dorsal do poema em causa e que dá azo ao drama da índia, porque seu problema é, justamente, esperar o que não veio, o que não vem, nem virá. O compasso de espera desenvolve-se no correr do anoitecer, da madrugada, finalizando-se no alvorecer.

Ainda no que toca ao tempo, faz-se curioso reparar que, se podemos falar em tempo psicológico, também se torna lícito referir, mais ainda, a um tempo cronológico. A temporalidade psicológica vem em decorrência da amarga vivência de espera da índia pelo amado. Não há como negar que tal experiência triste não distorça – por mínimo que seja – a percepção dos fatos pela índia, sobretudo, da passagem do tempo. Já o tempo cronológico liga-se à cor local do poema, pois o fluir temporal é assinalado, objetivamente, por marcos temporais da natureza e do cosmos (a flor e o perfume do bogari, a brisa, a lua/o sol etc.), numa graciosa matemática índia.

Passemos, neste momento, ao exame do outro texto que nos convoca a atenção.

Café da manhã – Roberto Carlos e Erasmo Carlos (disco Roberto Carlos, 1978):

*Amanhã de manhã
vou pedir o café para nós dois
Te fazer um carinho e depois
te envolver em meus braços

E em meus abraços
na desordem do quarto esperar*

*Lentamente você despertar
 e te amar na manhã
 Amanhã de manhã
 nossa chama outra vez tão acesa
 E o café esfriando na mesa
 esquecemos de tudo
 Sem me importar
 Com o tempo correndo lá fora
 Amanhã nosso amor não tem hora vou ficar por aqui

 Pensando bem amanhã eu nem vou trabalhar
 E além do mais temos tantas razões pra ficar

 Amanhã de manhã
 Eu não quero nenhum compromisso
 Tanto tempo esperamos por isso
 desfrutemos de tudo
 Quando mais tarde
 nos lembrarmos de abrir a cortina
 Já é noite e o dia termina
 Vou pedir o jantar
 Quando mais tarde nos lembrarmos de abrir a cortina
 Já é noite e o dia termina
 Vou pedir o jantar

 (Nos lençóis macios amantes se dão
 Travesseiros soltos, roupas pelo chão
 Braços que se abraçam, bocas que murmuram
 Palavras de amor enquanto se procuram).*

A tese do orador gravita em torno de uma legitimação da espera e de uma promessa pelas quais ele intenta garantir a supremacia do amor na relação afetiva que certamente manterá com a amada (o auditório). Tal supremacia estabelece-se em confronto com outros valores da ordem do social e do coletivo, de acordo com o que se observará adiante.

O orador – que é o eu lírico do poema – busca convencer a amada de que a vivência amorosa – já iniciada há algum tempo (“nossa chama *outra vez* tão acesa”, grifo nosso) – prosseguirá com semelhante intensidade afetiva.

Em termos de espaço, cabe sustentar que os amantes se localizam em cenário fechado, particular, isto é, ou motel ou hotel. Disso é bem sintomático o fato de o orador afirmar que “pedirá” o café no lugar de “preparar” o café ou mesmo comprá-lo. O café da manhã reveste-se, nesse quadro, de simbolismo bastante significativo, fazendo referência à busca prazerosa de reaver as energias depois de uma noite que foi desgastante sexualmente. Além disso, o lugar de um quarto de motel confere unidade espacial que torna a ação dos amantes ainda mais intensa.

Na canção de Roberto e Erasmo Carlos, verifica-se uma retórica da espera, que, qualitativamente, mostra-se diversa da observada no poema de Gonçalves Dias. Isso porque a presença da amada deixa-se sentir com concretude e proximidade.

Em primeiro lugar, já houve – tudo leva a crer – entre os amantes encontro amoroso, isto é, a chama já esteve acesa, como o orador faz questão de pronunciar.

Em segundo lugar, a ideação e os planos do orador são realizados com tamanho otimismo que o auditório, na prática, não crê que eles possam ser malsucedidos. Em terceiro lugar, uma estrofe desconectada do restante da música parece nos transpor, em dada circunstância, ao presente do amanhã mencionado ao longo da música, descrevendo a aventura amorosa do casal. Seja como for, a força semântica da espera prossegue.

O leito de amor, na canção em análise, é o território da efetivação do amor, diferentemente do constatado na peça lírica de Gonçalves Dias, em que o tapete de folhas da mangueira foi tão somente promessa não cumprida. Na canção, o leito, por certo, faz parte da desordem que reina no quarto todo, com roupas espalhadas pelo chão, com os travesseiros em eloquente desordem.

Repara-se que a promessa da intensidade e da qualidade da experiência amorosa é a melhor e mais aguda argumentação de que o orador pode se valer a fim de convencer a amada de que o que foi bom será ainda melhor.

Nessa linha, a estratégia de convencimento passa a lidar com as temporalidades. Despontam, pois, raciocínios retóricos desta escala: amanhã será melhor do que antes, que já foi muito bom; uma vez desperta na manhã, você será amada novamente; amanhã de manhã, nosso amor será de tal maneira espetacular que esqueceremos tudo o mais, inclusive o tempo; o nosso calor não se dissipará, como se dissipa o do café; a vivência amorosa é tão prazerosa que até o trabalho ficará para segundo plano.

Por esse derradeiro argumento, o orador alcança estabelecer uma hierarquia de valores em que o tempo e o aproveitamento do amor – colorido pelo prazer sensual, pelo relacionamento afetivo, pelo filtro emotivo de ver o mundo melhor do que é, pela existência de necessidades particulares – superam o tempo e a vivência do trabalho, marcados, por seu turno, pelo imediatismo da causa e consequência, pelo propósito alienante do trabalho, pela experiência pública e coletiva hipócritas.

A tomada de posição em favor dessa ou daquela experiência particular (“temos tantas razões”) e, para muitos, fútil, em detrimento dos valores do trabalho, fixa certo *ethos* ao orador, que é caracterizado como um romântico em luta heroica contra a sociedade filistina. Ao lado disso, o *ethos* do orador reveste-se de lances de cavalheirismo, já que ele pontua as ações em função da amada. É como se ele protegesse a amada do antiamor potencialmente representado por alguns aspectos da sociedade burguesa utilitária e mecanicista. Nessa ordem de considerações, Roberto e Erasmo Carlos são românticos *lato sensu*.

Faz parte dessa tomada de consciência romântica, quase titânica na superlativação da subjetividade, ou, pelo menos, de negação de valores enaltecidos pela burguesia, a decisão do orador de não querer se constranger a compromisso social ou de trabalho, para que lhe seja possível desfrutar com a amada das delícias que ocorrerão num tempo individualizado, em momento bem particular ao casal e que apenas o casal pode aquilatar como se deve.

Há uma negação crítica da realidade exterior, de qualquer exterioridade que não estivesse compreendida entre o eu do amante e da amante, emoldurados pelo quarto de motel ou de hotel. O amor consiste no valor que pode auxiliar naturalmente a imaginação e satisfazer aquelas necessidades que vão bem mais além das necessidades básicas como comer, dormir, procriar. Não é demais dizer, então, que o amor expressa, num processo de índole metonímica, o titanismo.

Nesse sentido, ao prazer de ordem sexual corresponde o prazer proporcionado pela ingestão dos alimentos, mais concretamente, das refeições. É bem possível que as referências aos alimentos desempenhem, no mínimo, dupla função: a de balizar a passagem do tempo, intensificando a importância do amor, que acompanha a linha temporal completa do dia; e a de, possivelmente, intensificar uma isotopia do prazer físico, carnal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme sinalizado logo de início, a intenção do presente artigo foi a de trazer à tona a importância constitutiva e significativa da retórica em dois textos, cujo tema central é o amor, modulado de formas diferentes. Com isso, esperamos ter demonstrado como os recursos verbais persuasivos revelam-se capitais para o processo de produção de efeitos sentidos em determinadas composições artísticas.

Assim, na esfera amorosa, o que chamamos de retórica da espera permeia ambos os textos, atualizada nas tentativas de o orador convencer o auditório. Em “Leito de folhas verdes”, de Gonçalves Dias, a espera angustiante levada a cabo pela amada é o que estrutura a composição, a qual tem, naturalmente, na ação do tempo, um componente fundamental. A oradora vale-se do discurso epidítico ao tentar, por meio de valores calcados no tempo presente, persuadir o auditório, Jatir, por meio da apresentação das qualidades de ambos, sem, no entanto, questionar as razões por que o amado não acedera ao seu apelo. Não passe despercebido, ademais, como a estrutura epidítica do episódio sustenta a brisa de cantiga medieval que sopra da composição.

Como recursos argumentativos, a oradora emprega elementos da natureza para concretizar e ilustrar a passagem inexorável do tempo, percurso que abrange desde o fluir da noite, trazendo a esperança da consecução da vivência amorosa, ao romper da alvorada, quando se instaura a temporalidade já não propícia para o amor. Nesse quadro, a constante referência à natureza tropical exuberante aponta para uma retórica romântica nacionalista – o leito do amor, aspecto convocado para a persuasão, remete à cor local americana, de que emana o tom nacionalista da composição poética.

A ruptura de um acordo prévio entre os amantes autoriza-nos a atribuir, mais certamente, ao discurso da oradora o rótulo de retórica da espera, em que a vivência amorosa não se concretizou com o não convencimento do auditório.

Já na composição “Café da manhã”, de autoria de Roberto e Erasmo Carlos, a espera é marcada euforicamente, sendo até libada nos mínimos detalhes. Isso porque o gosto do amor já foi antes provado, criando expectativas otimistas.

Nesse aspecto, o café da manhã adquire simbolismo digno de nota, remetendo os leitores à ideia de renovação de energia para intensificar a chama da experiência anterior. O leito do amor – quarto de motel com roupas espalhadas pelo chão, os travesseiros em notável desordem – simboliza a promessa de que o afeto não se dissipará; pelo contrário, ganhará tanta intensidade e qualidade que tudo o mais será esquecido, inclusive o tempo que passa sem cessar.

O orador procura estabelecer uma hierarquia de valores em que o tempo interior da vivência do amor supera, em qualidade, o tempo exterior da vivência do trabalho, o que nos dá permissão para caracterizá-lo como um romântico em

luta heroica contra os valores do utilitarismo e do pragmatismo, tão prestigiados pela mundividência burguesa.

“LEITO DE FOLHAS VERDES” AND “CAFÉ DA MANHÃ”: THE RHETORIC OF WAITING

Abstract: This paper of bibliographical design aims to emphasize the importance of rhetoric for the construction of the meanings of “Leito de folhas verdes” (1851), poem by the romantic Gonçalves Dias, and “Café da manhã” (1978), a song by Roberto Carlos and Erasmo Carlos. Among the senses produced and to be evaluated, it will stand out the one of the amorous waiting, that is experienced of different way in each case, and also the one of the romantic vision of the reality. The texts mentioned will be analyzed by rhetorical theory, for which persuasion constitutes the most relevant element.

Keywords: Romanticism. Gonçalves Dias. Roberto Carlos. Rhetorical Criticism. Popular Brazilian Music.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Difel, 1964.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Ouro sobre Azul, 2009.
- CARLOS, R. Café da manhã. In: CARLOS, R. *Roberto Carlos*. São Paulo: Discos CBS, p1978. 1 disco sonoro (45min), 33⅓ rpm.
- DIAS, G. Leito de folhas verdes. In: DIAS, G. *Últimos cantos*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1851.
- LAUSBERG, H. *Manual de retórica literária*. Madri: Gredos, 1966. 3 v.
- TRINGALI, D. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.